

## **Plenary Speech on the First Day of the Earth Charter Continental Meeting**

Leonardo Boff

Mato Grosso, Brazil, December 1998

Boa tarde a todos. O professor Oton me impôs um encargo demasiadamente pesado que eu seguramente não saberei carregar. O tema que nos vai ocupar hoje à tarde é a implicação ética ligada à Carta da nossa Mãe Terra. Este tema é extremamente complexo e eu gostaria de dar uma modesta contribuição para que o pensamento pudesse continuar para além daquilo que eu vou dizer aqui.

Toda ética depende de uma ótica e por isso nós devemos falar de outras coisas antes de falarmos da ética. Eu penso que só tem sentido fundarmos a dignidade da Terra, assim como fundamos a muito tempo atrás a dignidade humana, se nós realizarmos previamente três tarefas fundamentais. A primeira é o resgate da dimensão do sagrado. A segunda é o resgate do princípio feminino no homem e na mulher, já acenado pelo professor Oton Leonardo. A terceira, uma mutação do nosso estado de consciência, através de um processo de alfabetização ecológica. Finalmente, então sim, construída essa base, ganha sentido e eficácia um discurso ético, que não seja só retórica, mas seja a nossa sintonia com a realidade grandiosa, complexa, profundamente materna que é a terra mãe.

Uma dimensão sine qua non para inaugurar essa aliança nova que queremos para com a Terra como disse, é o resgate da dimensão do sagrado. Sem o sagrado, nós não conseguimos colocar limites à voracidade do nosso paradigma científico-técnico. E o sagrado constitui uma experiência originária do ser humano. Está sepultada em todas as culturas históricas e também dentro da realização pessoal de cada um.

Todos os estudiosos revelam um ponto de consenso. Sempre o sagrado possui uma ligação essencial com o cosmos. É ali o seu lugar de nascimento. O universo então se transforma numa grande metáfora, num espaço e num tempo de manifestação da energia que pervade toda a realidade, que lhe dá movimento, grandeza e beleza. Que é a oportunidade de revelação do mistério que empata toda essa realidade.

Nos últimos séculos, nós fomos vítimas de um modelo de civilização que implicou sistematicamente agressão à terra. Isso nos levou a fechar os ouvidos à musicalidade dos seres e a voltar as costas para a "grander" do seu estrelado. A conseqüência pior de todas foi essa. Perdemos a experiência do sagrado do universo. Ficamos refêns de uma vasta profanidade dominante no paradigma científico-técnico. A profanidade reduziu o universo como a realidade inerte mecânica e matemática e a Terra como um simples repositório de recursos entregues à disponibilidade humana. Tirou-se a palavra de todas as coisas para que só a palavra humana imperasse. Se não conseguirmos refazer o caminho de acesso ao sagrado, não garantiremos o futuro da Terra.

Todo direito romano se baseava nessa comunicação "res sacra homo". O ser humano é uma realidade sagrada. E a nova consciência ecológica que quer preservar e manter as condições para que a Terra continue a evoluir como a fez a milhões de anos. Só tem sentido se nós resgatarmos a dignis da Terra, a dignidade da Terra. A Terra como grande

sujeito e nós filhos e filhas da Terra. Sem isso a ecologia se transforma apenas numa técnica de gerenciamento dos recursos humanos e não como um novo paradigma de convivência e solidariedade em sinergia em paz perene com a terra. E a pretendida nova aliança significará apenas uma trégua para que a Terra possa se refazer para em seguida ser novamente agredida e explorada.

Que o primeiro passo a ser dado é a recuperação da dimensão da dignidade do sagrado da Terra, do reencantamento e da veneração diante do universo. Tal foi espontaneamente expresso pelo primeiro astronauta norte-americano Edgar Michel ao chegar à Lua, ao dizer: " daqui a milhões de milhas de distância a Terra mostra a incrível beleza de uma jóia esplendida de cor azul-branca flutuando no vasto céu escuro. Ela cabe na palma de minha mão. Eu posso escondê-la atrás do meu polegar, mas é a única casa que nós temos para habitar."

O que é o sagrado quando falamos no sagrado da Terra. Sagrado não é uma coisa. Sagrado é uma qualidade das coisas. É aquela qualidade das coisas e nas coisas onde nós vemos não apenas fatos. Nós vemos valores, nós vemos significações e captamos mensagens. Mensagens e significações que nos fascinam. Que nos falam na profundidade de nós mesmos e nos tomam totalmente. O grande estudioso do sagrado do começo deste século foi Rudolf Otto. Ele cunhou duas expressões para expressar a terminologia do sagrado: "O sagrado é tremendo e faxisnsmico." Ele é tremendo quer dizer que é aquilo que nos faz tremer, pela magnitude, pelo desbordamento de nossa capacidade de suportar a sua presença. Presença tão densa que nos faz fugir devido à sua intensidade e ao mesmo tempo nos fascina, é o faxisnsmico, que dizer, nos arrasta como imã irreprimível e que nos fala na profundidade de nosso coração, nos enchendo de entusiasmo e de sentido de vida.

O sagrado é como o Sol. Sua luz nos arrebatava e nos enche de entusiasmo, é o faxisnsmico que ao mesmo tempo nos obriga a desviar o olhar para não ficarmos cegos. É o tremendo. Essa experiência do sagrado todos os povos, especialmente os povos originários fizeram, e nós fazemos todo dia na verdade, quando encontramos, entramos em contato com a vida, com as pessoas amadas, com a criança que nasce, experimentamos a atração amorosa entre homem e uma mulher, nós experimentamos um luminoso, o sagrado da relação.

As tradições todas exprimiram de muitas formas essa experiência de sentido, de respeito e de veneração. A fenomenologia da religião chama isso de "mana", uma palavra tirada da Melanésia. Os nossos indígenas, os nossos afro-brasileiros e latino-americanos chamam de " axé", a tradição greco-romana chama de "pneumo espírito", os orientais chineses chamam de "chi", aquela realidade que tudo penetra, tudo anima, tudo mantém em movimento, tudo faz respirar e viver. Os povos originários captavam quase instintivamente essa realidade. Como nós escutamos aqui, os indígenas "cuna", os indígenas do alto plano do Peru, a Terra não é Terra. É a "nana", é a "pacha nana", é a Mãe Terra.

E nós chegamos à mesma conclusão através do longo discurso científico-técnico como chegaram as equipes da NASA coordenadas por James Lovelock, instigando os equilíbrios do sistema Terra se deram conta: " Ela é um super-organismo vivo. O equilíbrio dinâmico tão sutil do seu nível de oxigênio, de nitrogênio de dióxido de carbono, de salinização dos oceanos que só um ser vivo pode revelar e chamar como a tradição oriental grega chama de "gaia", a Terra como um super-organismo vivo. Então o mais originário dos indígenas e o mais contemporâneo da ciência convergem para a percepção de que a Terra é algo vivo e que ela nos infunde um profundo respeito e veneração como tudo aquilo que vive.

Essa experiência ela nos desborda por todos os lados e também se subtrai à simples racionalidade. O sagrado fala a profundidade e motiva do ser humano. Lá onde se elaboram os grandes significados, os valores que atraem as pessoas que para os quais vale a pena gastar o tempo e no limite dar a própria vida. No fundo, o sagrado capta tudo aquilo que merece respeito, cuidado e veneração. Capta a realidade do mistério fontal que perpassa todas as coisas e o inteiro universo. A melhor lógica de abordá-la é aquela dialógica que inclui todos os seres e a ninguém exclui, que sabe aceitar o ritmo de todas as coisas e nos faz sentirmo-nos parte e parcela dessa imensa realidade.

Esse sagrado deve ser recuperado por nós se quisermos ter um conceito mais enriquecido e mais global da terra. Na verdade, nós vivíamos num grande exílio e agora estamos voltando à casa comum - a Terra. A Terra Pátria de todos os humanos e de todos aqueles que conosco participam dessa aventura terrenal. Todos os demais seres vivos e tudo o que existe nesse planeta.

E lentamente, à medida que cresce a nossa consciência ecológica, nos damos conta que a ecologia é o contexto de todos os problemas e que nós mesmos vamos ecologizando as nossas atitudes, nossos pensamentos, nossos hábitos e começamos a tratar a Terra e cada coisa dentro dela em um inteiro universo como tratamos nosso corpo, cada órgão, cada emoção de nossa alma e cada pensamento de nossa mente.

Somente uma relação pessoal com a Terra nos faz amar a Terra. E aquilo que nós amamos, nós não agredimos, nós abraçamos, nós nos identificamos. Quando isso surgir, então sim começa um novo milênio. O novo milênio não começa daqui a um ano e meio ou dois anos, quando nosso calendário marca o ano 2000, mas quando passarmos desse velho paradigma civilizacional que dividia, nos exilava da Terra, quando passarmos desse mundo para esse outro onde nós nos sentimos a própria Terra, que pensa, que ama, que caminha, aí sim, será inaugurado o novo milênio, possivelmente mais carregado de benevolência, de compaixão, de identificação com todos os seres como irmãos e irmãs nossas sob o arco-íris da mesma sacralidade que pervade a todos.

O segundo elemento que parece fundamental junto com o sagrado, é o resgate do princípio feminino, o da dimensão da ânima, no homem e na mulher. Desde o Neolítico, já há quase dez mil anos, nós somos reféns da hegemonia do masculino, das categorias do poder que realiza sobre as pessoas, dos dualismos que foram introduzidos entre sentimento e razão, entre eu e mundo, entre o ser humano e o mistério da divindade, entre

o homem e mulher. Aprendemos a usar a razão, a razão com arma para dominar e para fazer a nossa aventura de conquista no nosso planeta. Mas houve um preço muito pesado. Recalcamos a outra dimensão, o outro princípio tão fundamental ao ser humano, no homem e na mulher.

É a nossa capacidade de sentir o outro, de pensar totalidades, de ter numa experiência de integralidade, de pensar não só com a mente, mas também com o corpo, de termos sensibilidade para os valores, de termos o ouvido aberto à captar mensagens que nos vêm de todos os lados, de sermos sensíveis à dimensão espiritual e abertos à percepção do mistério. Essa dimensão no homem e na mulher é carregada de enternecimento, de capacidade de ternura, de benevolência, de compaixão. É o princípio feminino que está no homem e na mulher. Lentamente ele está voltando e de nada vale falarmos do sagrado se não resgatarmos em nós, desentranharmos dentro nós, sepultados sob muitas cinzas a dimensão de nossa ânima, a dimensão de nosso feminino.

Então sim, seremos sensíveis solidários, ternos e fraternos, que é a outra dimensão do ser humano. Não só seremos lógicos, racionais, poderosos e efetivos, e precisamos ser também tudo isso, mas não à custa do direito do coração, do espírito de finesse, da capacidade de enternecimento, de sensibilidade para com o outro que caminha ao nosso lado e a percepção da unidade sagrada de toda a vida. Então o feminino nos torna mais afinados com a sinfonia cósmica e com a Terra como uma super-realidade viva, e a Terra como nossa mãe.

Tanto essa percepção da sacralidade do mundo como a dimensão de nossa ânima devem ser um desafio para um processo pedagógico na humanidade. Como fazer passar isso à consciência coletiva? Não basta anunciar valores. Nós temos que criar condições para que eles possam ser vividos. Não só sabermos deles, mas termos uma comoção diante deles, termos uma experiência deles. Nós não queremos falar sobre a Terra como nossa mãe, queremos sentir a Terra como nossa mãe e nos sentirmos como seus filhos e filhas. Isso importa em primeiro lugar, fazer uma grande revolução, na nossa ótica, na nossa maneira de ver as coisas. E essa ótica nos é dada pela moderna cosmologia, isto é, a moderna imagem de mundo que nos vem das várias ciências da Terra, desde a física quântica, da nova biologia, da astrofísica, da nova antropologia.

Todas essas ciências convergem nisso, de entender o universo, não como a soma de todas os objetos justapostos um ao lado do outro, mas o universo inteiro. É articulação de sujeitos porque todas as coisas tem a ver uma com as outras em todos os pontos, em todos os momentos. Todos vivemos enredados numa rede complexíssima de relação e todos somos seres históricos que têm a mais alta ancestralidade e vamos acumulando informações nessa teia de relações.

Então o universo é uma relação de sujeitos que estão relacionados, por isso dizia e publicou recentemente o maior físico quântico dos Estados Unidos, Savame é o sucessor desse grande cientista, Carlos Seiga, um livro famoso que já está traduzido em espanhol e português que tem esse título "Universo Consciente" e ele diz no prefácio assim: "Que

por uma razão matemática nós não entendemos o universo com a complexidade dos seus campos energéticos, sem admitirmos a suprema sabedoria e o espírito provedor."

Então precisamos em primeiro lugar entender que não podemos nos entender como seres separados do universo e da Terra e nem podemos permanecer na visão clássica que entende a Terra como um planeta inerte, um amontoado de solos, terras altas e águas, rios e oceanos. Nós somos mais que isso. Nós somos filhos e filhas da Terra. E mais ainda, nós somos a própria Terra que se tornou autoconsciente. "A Terra que caminha", como dizia o grande poeta mestiço argentino Ataiúau paiu pank: "Somos a Terra que caminha, a Terra que pensa, a Terra que ama, a Terra que celebra, a Terra que canta, a Terra que venera." Portanto a Terra não é um planeta sobre o qual existe vida. Ela é vida, um super-organismo vivente. E a espécie humana, nós homens e mulheres, representamos a capacidade de gaia, de ter um pensamento reflexo, uma consciência sintetizadora e uma subjetividade amorosa. Nós humanos, homens e mulheres, possibilitamos a Terra a apreciar a sua luxuriante beleza, a contemplar a sua intrincada complexidade e a descobrir espiritualmente o mistério que a penetra.

O que os seres humanos são em relação à Terra é a Terra em relação ao cosmos por nós conhecido. O cosmos não é um objeto sobre o qual descobrimos a vida. O cosmos é um sujeito vivente. Ele se encontra ainda em gênese, por isso, mais do que cosmologia, é cosmogênese, mais que antropologia, é antropogênese. Nós estamos nascendo. Ainda não acabamos de nascer. Caminhamos há 15 bilhões de anos. E o universo se enovelou sobre si mesmo e maturou de tal forma que num canto dele, na Via Láctea, no Sistema Solar, no Planeta Terra emergiu a consciência reflexa de onde veio, para onde vai e que é um símbolo imagem do grande espírito.

Quando um eco agrônomo estuda a composição química de um solo é o próprio cosmos que estuda a si mesmo. E quando um astrônomo dirige o telescópio para as estrelas é o próprio universo que olha para si mesmo. A mudança dessa leitura deve produzir nas mentalidades, nas instituições, aquela mudança só comparável à que ocorreu no século XVI, ao se comprovar que a Terra era redonda e que o centro era o Sol e não a Terra, especialmente o fato da transformação de que as coisas ainda não estão prontas, mas que estão continuamente nascendo abertas a novas formas de autorealização, nos fez a nós termos a percepção da novidade, da abertura, da tolerância e da paciência com cada um de nós.

Não estamos prontos ainda. Tenham paciência com as nossas imperfeições. Estamos ainda crescendo para a nossa plenitude. E só está na verdade quem caminha com esse processo de lenta manifestação daquilo que ainda vai se revelar de nós.

Em segundo lugar, importa realizar a globalização do tempo. Nós não temos a idade de quando nascemos. Nós temos a idade do universo. Porque nós vamos lá naqueles campos energéticos primordiais, nas grandes estrelas vermelhas quando se formaram aqueles elementos que uma vez explodidas, formaram todas as estrelas, galáxias do planeta, o nosso próprio corpo. Nós somos compostos desses elementos cósmicos. E nós somos o

último dos grandes seres que entrou na história do universo quando 99,98 % da história da Terra estava concluída entrou o ser humano.

Então, todo o antropocentrismo é descabido. A Terra não precisou do ser humano . A imensa biodiversidade que se formou sem nós e antes de nós, eles são o suporte para que nós pudéssemos entrar. Então não é o ser humano para a Terra. Não é a Terra para o ser humano. É o ser humano para a Terra. Nós somos parte e parcela desse imenso processo que teve o seu momento cósmico, o seu momento químico, o seu momento biológico, o seu momento antropológico e agora o seu momento planetário, quando nós nos encontramos todos num único lugar, isto é, no Planeta Terra, que se descobre unificado como numa grande família. Então, passarmos que nós estamos ligados a essa imensa história que vem antes de nós, passa por nós e vai além de nós. Juntos com a imensa comunidade de outros seres vivos e dos demais seres que entram como suporte físico-químico para a nossa existência.

Terceiro lugar: não só descobrir nossa ligação com a Terra, nossa ligação com o tempo, também descobrir nossa ligação com o espaço. Vendo a Terra fora da Terra nos descobrimos elo de uma imensa cadeia de seres celestes. Estamos numa galáxia pequena entre 100 bilhões de outras galáxias, num Sol pequeno de subúrbio, na espiral de Ório, há 27 mil quilômetros do centro de nossa galáxia, num planeta pequeno, o terceiro do nosso Sistema Solar, mas um planeta altamente complexo que permitiu a erupção, auto-organização da matéria, a erupção da vida, a erupção da vida humana.

Nós somos parte desse espaço todo porque esse espaço está equilibrado sinfonicamente pelas quatro interações fundamentais que sustentam todo o universo - a interação gravitacional, a eletromagnética, a nuclear fraca e forte. Todas essas energias sustentam o universo, sustentam a nós mesmos como parte e parcela deste universo.

Em quarto lugar: é urgente que nos demos conta da nossa própria existência. O universo desde o seu início foi criando interioridade e tecendo a intrincada teia de relação que constitui a realidade autoconsciente. Nós nascemos dentro dessa realidade consciente e estamos agora inaugurando o sonho já previsto nos anos 30 por esse grande cientista e místico Taiar de Chardem.

Estamos deixando para trás... (fim do lado A da fita 04)

... o processo cada um na sua consciência, na sua capacidade de amar, está ligado e religado a toda essa realidade. E quando nos conscientizamos disso, cresce em nós o sentimento de reverência, de gratuidade com essa imensa história que nos permitiu nascer e estarmos aqui juntos e podermos falar de todas essas coisas. Porque se as energias do universo, se os elementos, o seu equilíbrio não entrassem numa cumplicidade, nós não estaríamos aqui para falar dessas coisas todas. Então cresce em nós o sentimento de gratidão, não só dos nossos pais e anciãos que estão dentro de nós, mas do inteiro universo que nos produziu.

Em quinto lugar, cada ser humano deve se descobrir como membro da espécie homo sapiens e demens porque nós não somos só sábios, somos também dementes. Nós podemos ser o anjo bom que protege e faz crescer a Terra, como podemos ser o Satã da Terra, que destrói, desequilibra e mata espécies.

Em razão da agressividade do nosso paradigma de crescimento de bens materiais e serviços, a consequência da voracidade e de nossa irresponsabilidade, a cada dia desaparecem dez espécies de seres vivos e cinquenta espécies de vegetais e com eles desaparecem uma biblioteca de conhecimentos que o universo pensadamente acumulou. E quem sabe poderia ser a solução de tantos enigmas que nós não entendemos. Então, o ser humano se descobre membro da espécie humana e se descobre membro da família humana.

Um dos grandes funcionários da ONU, que fundou lá em Costa Rica a Universidade da Paz, Robert Müller, que é um dos patronos da consciência ecológica, bem escreveu: "Quando se trata do cosmos humano, quase tudo ainda está por ser feito. Nossa catedral planetária ainda não está ocupada por uma família humana unida, reverente, agradecida e plenamente desenvolvida, mas sim, por grupos rebeldes e crianças imaturas e contraditórias. Devemos ainda crescer e madurar e assumirmos a responsabilidade pela nossa casa comum."

E em sexto lugar, descobrir a singularidade de cada pessoa humana. Nós não somos um número. Cada um é uma mensagem aberta ao outro. Somos seres culturais. Seres que têm liberdade para plasmar a realidade, por isso, nós fomos "criados criadores", participantes. Plasmamos o mundo. Por não dispormos de nenhum órgão especializado, somos compelidos a intervir na natureza, a prolongarmos nossos braços, nossas mãos, nossos olhos, nossos ouvidos, por instrumentos técnicos e criarmos a civilização hoje planetária.

O desenvolvimento biológico do nosso cérebro, capacitando nosso pensamento e nossa criatividade imaginária, produz num instante aquilo que a evolução demoraria milhões e milhões de anos para produzir. Então juntos das forças diretivas do universo está a co-pilotagem do ser humano. Ele co-pilota o futuro da Terra. E como nós criamos, já dizíamos suas últimas intervenções, esse grande cientista e sábio Carlos Seiga: "Nós criamos o princípio de autodestruição, por isso que o futuro da Terra não está garantido por ela mesma. Nós, seres humanos, temos que despertar da nossa capacidade de autodestruição, da destruição da biosfera e desenvolvermos o princípio da co-responsabilidade."

O futuro do planeta depende de uma decisão consciente, política dos seres humanos para juntos garantirmos o nosso futuro, porque desta vez, já dizia Gorbachev no seu livro A Perestroika, há mais de quinze anos atrás: "Desta vez, não haverá uma Arca de Noé que salve alguns e deixe perecer os outros. Ou nós salvamos todos, ou perecemos todos."

Por fim, em sétimo lugar, é de fundamental importância que o ser humano conscientize a sua funcionalidade no conjunto dos seres. Qual é o nosso lugar? E aqui vem a dimensão ética. Nós somos os únicos seres da complexidade de todos os seres que têm uma

dimensão ética. E quando dizemos dimensão ética, dimensão que o ser humano se torna responsável, coloca sob o seu cuidado os outros seres. E ao dizer que ele é responsável, significa que pode tomar decisões, às vezes até contra si mesmo, mas que beneficia a outro que está fragilizado, ameaçado.

O ser humano assume que ele tem a capacidade de co-pilotar, de plasmar o seu habitat e fazer que essa sociedade que nós podemos construir, seja habitável para todos, na qual todos possam caber e não haja tantas vítimas pelo tipo de sociabilidade que nós loucamente temos construído. Então, precisamos de um processo pedagógico que dê consciência ao ser humano de sua responsabilidade. E todo processo pedagógico deve culminar nessa conscientização que confere ao ser humano homem e mulher, um alto significado universal. A partir dessa conscientização, fica claro que o valor supremo e global é salvar o planeta, porque é a única casa comum que nós temos.

Em segundo lugar, valor supremo que não entrou ainda na consciência coletiva da humanidade de resguardar as condições para o ser humano poder existir, se reproduzir e continuar a evoluir, a coevoluir porque nós somos seres que intervêm na realidade. Somos seres de criação e de plasmação e por isso devemos saber coordenar de uma forma coletiva essa nossa capacidade, para que ela não seja danosa para o processo global, só beneficiando a nós como espécie, à custa do sacrifício das demais espécies.

E aqui entramos propriamente na dimensão da ética. Como disse, a ética só faz sentido se nos assimilarmos essa ética. E onde vamos fundar uma ética ecológica? Eu penso que o fundamento deve radicar na própria vida. O próprio humano, da lógica da própria vida. O próprio universo, a Terra, nos dá indicações daquilo que nós devemos fazer. Eu creio que uma das definições básicas do ser humano, ela se encontra nas mitologias antigas e que foi assumida modernamente por toda uma corrente da filosofia contemporânea que entende o ser humano, não tanto como um ser de razão, não tanto como um ser de cuidado.

O grande filósofo do cuidado e a maioria não sabe disso, talvez o filósofo mais radical, mais profundo deste século, é Martin Heidegger, que quando dedica na sua reflexão Ser do Tempo, retoma um velho mito grego, uma pequena história de um escravo do tempo de Augusto, o escravo Gino, que ele conta a história do ser humano como um ser de cuidado. Que a sua essência, antes que ele tenha liberdade e vontade de pensamento pelo fato de ser um ser vivo, ele coloca o cuidado em todas as coisas que faz. Mesmo quando ele é um ser do mundo, junto com os outros, sempre em movimento, exercendo a sua capacidade de liberdade de criação, em tudo aquilo que ele faz, ele coloca cuidado/descuidado.

Talvez hoje o que mais falta e foi um grande psicanalista norte-americano Rollo May que denunciou isso. Talvez o estigma mais avassalador de toda a cultura moderna é o descuido. Descuido com o planeta, descuido com a vida, descuido com os velhos, descuido com as crianças, descuido com a qualidade de vida, com o nosso corpo, com a nossa saúde, com o nosso imaginário e talvez o valor mais urgente é resgatarmos o cuidado, porque a lei básica da vida é o cuidado. A vida deixada por ela mesma, mesmo a



ameba mais originária ou uma criança recém-nascida, se ela não recebe cuidado, em poucos minutos, em poucas horas, ela corre risco, ela sofre ameaça, ela definha, ela morre.

Então o ser humano precisa desenvolver em si o cuidado. O que é o cuidado? Cuidado é a capacidade do ser humano de colocar desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, nas coisas que faz. E com ele investe interesse, libido, carinho, ternura com as coisas, ele se carrega de ocupação, preocupação, inquietação, responsabilidade, com as coisas que ele se ligou afetivamente.

O ser humano é um ser que capta valores. As coisas se transformam em sinais, em sacramentos que fala e que têm um apelo profundo à nossa radicalidade. Por isso que junto com o cuidado, com as ressonâncias do cuidado, que é colocar a justa medida em todas as coisas. Quanto de intervenção e ao mesmo tempo conservar o capital biológico da Terra. A ternura para com as coisas que vivem, a carícia essencial, a cordialidade fundamental, a convivialidade com todos os seres que respiram e compartilham dessa aventura de seres vivos, a compaixão radical com tudo aquilo que sofrem e que caminha junto conosco.

Todas essas categorias são categorias como vocês podem ver, da ânsima, da capacidade de sentir do ser humano. Nós temos excesso de racionalidade até a sua inflação. Talvez a maior carência do ser humano, e a maior crise, não é a crise econômica, não é a crise dos sistemas políticos, é a crise da sensibilidade humana. Nós somos incapazes de sentir o outro como nosso irmão e nossa irmã. De sentir a formiga, a ave, o tuiuiu, as águas, as plantas como nossos irmãos e irmãs, como sentia São Francisco que é o arquétipo da cultura ocidental ecológica.

Por isso que a estrutura básica do ser humano, já dizia Heidegger, dizia Freud, diz todo discurso psicanalítico e a pesquisa mais recente empírica revelada por Daniel Colegan no seu livro *A Inteligência Emocional*, que a estrutura básica do ser humano não é logos, não é pensamento, e fathos, é a simpatia, é a capacidade de comoção, de sentimento. E essa é a primeira relação do ser humano que nos coloca em comunhão com o outro. Que supera as distâncias, que nos coloca junto com as coisas e não sobre as coisas para dominá-las, que nos faz conviver com a realidade e não nos distancia para pensarmos e dominarmos. Então precisamos recuperar essa capacidade de comoção. Essa capacidade de sentir o outro e a partir do outro desenvolver uma ética de cuidado.

E há um texto extraordinário publicado por várias organizações da ONU, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, o Fundo Mundial para a Natureza, a União Internacional para a Conservação da Natureza, que elaboraram uma estratégia minuciosa para o futuro da vida, intitulado "Cuidando do Planeta Terra", onde a estrutura básica é a ética do cuidado. E aí estabelece nove princípios que eu gostaria de traduzir:

1. Cuidado primeiro com o planeta na sua globalidade, construir uma sociedade sustentável e que se orienta pelo cuidado;
2. Respeitar e cuidar da comunidade dos seres vivos;

3. Melhorar a qualidade de vida humana;
4. Conservar a vitalidade e a diversidade do Planeta Terra;
5. Permanecer nos limites da capacidade de suporte do Planeta Terra;
6. Modificar atitudes e práticas pessoais;
7. Permitir que as comunidades cuidem do seu próprio meio ambiente;
8. Gerar uma estrutura nacional para integrar o desenvolvimento e conservação;
9. Constituir uma aliança global de cuidado com o Planeta Terra.

E aí se dizia, a ética dos cuidados se aplica tanto a nível internacional, como a nível nacional e individual. Nenhuma nação é auto-suficiente. Todas lucraram com a sustentabilidade mundial e todos estarão ameaçados se não conseguirmos atingi-la. Só essa ética do cuidado essencial no poderá salvar do pior. Só ele nos resgatará um horizonte de futuro e de esperança. Mas não só cuidado do Planeta Terra, cuidado, dos filhos e filhas da Terra. Este é o cuidado, a centralidade do ser humano.

Nós não somos partidários do antropocentrismo. Eu acho que somos cosmocentros porque todos dependemos uns dos outros, inter-retrodependentes. Nós vivemos pela cumplicidade de todas as coisas. Nós nos precisamos uns dos outros, e por isso, todos são centrais, todos são elos fundamentais nessa cadeia fantástica que sustenta a sinfonia da Terra e o Universo. Mas o ser mais ameaçado hoje é o ser humano. Por isso, cuidado do ser humano na sua integralidade. Cuidado do seu corpo, que ele é parte do universo, da sua saúde integral, cuidado da sua psiqué, dos seus grandes sonhos, das suas grandes paixões, da estrutura do desejo, para que nós não sejamos dilacerados por dentro, possamos crescer na nossa individualidade, no nosso processo de personalização com um centro profundo, mas articulado na comunidade humana.

Cuidado com a dimensão espiritual do ser humano, com os sonhos para cima, com a sua profundidade, capaz de comungar com a fonte geradora de todos os seres, na meditação, na contemplação, na capacidade de oração. O ser humano é um ser espiritual, capaz de colocar questões últimas que estão na agenda de cada biografia. De onde viemos? Para onde vamos? Qual é o sentido desse universo? O que podemos esperar para além dessa vida? Quando a nossa respiração cessar, ela se une ao grande respiro do universo.

Cuidar do ser humano é cuidar da sua integralidade, mas fundamentalmente, é cuidar dos filhos e filhas condenados da Terra. Somos 80% a humanidade que vive na marginalidade, na exclusão. O ser mais ameaçado, não são as baleias não é o mico-leão dourado do Brasil, não é o urso panda da China. O ser mais ameaçado, aquele que é condenado a morrer antes do tempo, são os pobres e condenados, filhos e filhas da Terra. Não pode um planeta estar integrado. Não podemos escrever uma Carta da Terra quando os filhos e filhas da Terra são condenados, vivem na injustiça, na falta de solidariedade, como quem não pertencesse à família humana. Então, devolver o sentido da pele, do abraço, também esses e essas são nossos irmãos e irmãs, pertencem à grande família, cujos filhos têm destinos tão distintos e tão trágicos.

A Carta da Terra deve ser pensada a partir das vítimas das políticas errôneas que nós fizemos contra a Terra, na nossa infantilidade. Os agora estamos despertando para a

nossa idade adulta, para a nossa responsabilidade. Começar a integração, a estratégia do cuidado com esses que são as principais vítimas da nossa demência e finalmente, cuidado e compaixão com todos os demais seres que conosco compartilham da vida. Começar com os demais organismos vivos que são os novos cidadãos porque tudo aquilo que vive, tudo aquilo que existe merece viver, merece continuar a existir. São nossos irmãos e irmãs que têm uma mais alta ancestralidade que nós mesmos. São muito mais velhos que nós no processo evolucionário.

Que seria uma cidade humana se não tivesse a mancha verde, se não tivesse os pássaros, se não tivesse as rochas, se não tivesse as águas, se não tivesse as paisagens? Não seria uma sociedade humana. Então o bem comum, não é só o bem comum humano. É um bem comum sócio-econômico. Deve incluir os demais irmãos e irmãs que são concidadãos na sociedade humana, nessa imensa biocracia, nessa imensa democracia aberta que envolve os demais seres da nossa aventura planetária.

Quero ir terminando. Essa ética do cuidado, da benevolência, da compaixão, da ternura, essencial, mudará o estado da nossa consciência. Criará não atos ecológicos, mas uma atitude ecológica, isto é, nos fará filhos e filhas dignos, benevolentes do Planeta Terra. Só quando fizermos essa viragem e aí o processo pedagógico que deve começar com cada um de nós fazendo a sua revolução molecular, como a molécula que está em interação, ela não sobrevive, assim nós lá onde estamos, viver o novo cuidado, viver a nova relação masculino e feminino, desentranhar em nós a dimensão da ânima, sermos mais benevolentes compassivos, sensíveis. Podermos abraçar todas as coisas, na certeza que estamos abraçando Deus.

Quando atingirmos esse estado de consciência que atravessa todas as nossas organizações, a começar pelas escolas, pelas famílias, pelas comunidades, quando a ecologia não será um movimento de alguns, mas será a atmosfera comum que respiramos, então sim, teremos inaugurado o novo paradigma, o novo milênio. O milênio ecológico, a nova humanidade, finalmente reconciliada com a sua casa regressando de um largo exílio ao lar comum. Esse lar não será mais um vale de lágrimas onde muitos padecem, mas será uma casa de irmãos e irmãs que vivem como filhos e filhas de alegria nessa mesma aventura comum que nos é dado com orgulho e alegria, com profunda humildade e agradecimento participar.

Muito obrigado.